



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 10, número 4, nov.-dez. 2021

TENDÊNCIAS GRÁFICAS EM CONVERSAS DE WHATSAPP DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO DO IFRN



GRAPHICAL TRENDS IN WHATSAPP CHATS OF 1st GRADE HIGH SCHOOL STUDENTS OF IFRN

Felipe Morais de Melo
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Rio Grande do Norte, Brasil

Karen Andrade da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES
RECEBIDO EM 30/06/2021 • APROVADO EM 23/02/2022
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i4.3636>

Resumo

Os usos gráficos dos alunos nas redes sociais não costumam integrar o espectro de interesse da escola. No intento de conhecer um pouco do funcionamento da escrita nesses espaços cibernéticos, este trabalho objetiva investigar a existência de tendências gráficas em conversas de alunos do 1º ano dos cursos técnicos de nível médio integrado regular do Campus Natal – Zona Norte do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) em mensagens enviadas no aplicativo WhatsApp, segundo algumas variáveis grafemáticas, a saber: o verbo “estar”, ponto de interrogação, pontuação em final de frases não interrogativas, as palavras “também”, “sim”, “não” e a expressão “meu deus”. Os fenômenos foram pensados a partir de um arcabouço teórico marcado por linguistas que discutiram sobre os sistemas de escrita e a ortografia (CAGLIARI, 2001a, 2001b, 2015; MASSINI-CAGLIARI, 2001a, 2001b), bem como o internetês (FIORIN, 2008; SILVA, 2014). Metodologicamente, trata-se de um trabalho bibliográfico e documental de caráter qualiquantitativo que utilizou, como técnicas de pesquisa, tanto a aplicação de questionários pelo Google Forms quanto a observação dos dados, um *corpus* composto pela transcrição de três *printscreens* de mensagens trocadas pelo WhatsApp por 27 colaboradores, num total de 81 capturas de tela. Os resultados apontaram para algumas possíveis tendências dos usos gráficos de jovens nessa plataforma de comunicação, como o uso do <?> (83,8%) em final de frases interrogativas em detrimento de sua ausência; a ausência (98,6%) quase categórica de pontuação gráfica no final das sentenças não interrogativas; e um estado de variação livre entre as variantes <meu deus> e <mds>.

Abstract

The graphical uses of students on social networks are not usually part of the school's spectrum of interest. In order to know a little about the functioning of writing in these cybernetic spaces, this work aims to investigate the existence of graphical trends in conversations of 1st year students of regular integrated high school technical courses at Campus Natal – Zona Norte of the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) in messages sent through WhatsApp application, according to some graphematic variables, namely: the verb “ser”, question mark, punctuation at the end of non-interrogative sentences, the words “também”, “sim”, “não” and the expression “meu deus”. The phenomena were thought from a theoretical framework marked by linguists who pondered about writing systems and spelling (CAGLIARI, 2001a, 2001b, 2015; MASSINI-CAGLIARI, 2001a, 2001b), as well as “internetês” (FIORIN, 2008; SILVA, 2014). Methodologically, this is a bibliographic and documentary work of a qualitative and quantitative nature that used, as research techniques, both the application of questionnaires by Google Forms and the observation of data, a corpus composed of the transcription of three *printscreens* of messages swapped in WhatsApp by 27 students, in a total of 81 screenshots. The results pointed to some possible trends in the graphical uses of young people in this communication platform, such as the use of <?> (83.8%) at the end of interrogative sentences, to the detriment of its absence; the almost categorical absence (98.6%) of graphical punctuation at the end of non-interrogative sentences; and a state of free variation between the <meu deus> and <mds> variants.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Tendências gráficas. Grafemática. Internetês. WhatsApp.

Keywords: Graphical trends. Graphemics. Internetês. WhatsApp.

Introdução

Na época atual, a internet, juntamente com os aplicativos que dela se valem e que nos fornecem a comunicação com todo o mundo, tem se tornado mais democrática e, dentre várias características, trouxe inovações na escrita que circula em suas redes. Entre os jovens, conforme destaca Xavier (2011, p. 168), é muito comum a diversificação de formas de escrita por esse meio: “Não podemos mais negar a presença nem muito menos a simpatia de que goza o internetês entre a maioria dos internautas e pela totalidade das crianças e adolescentes que o utilizam quando estão conectados”.

É com base no reconhecimento desse cenário – o papel cada vez maior da internet na vida das pessoas, por um lado; a forte presença da língua escrita no cotidiano das crianças e dos adolescentes – que nasce a pesquisa desenvolvida neste artigo, cujo intuito é conhecer, de forma empírica e sistemática, alguns usos que marcam a escrita usada pelos alunos do 1º ano dos cursos técnicos de nível médio integrado regular do *Campus* Natal – Zona Norte do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) em mensagens enviadas no aplicativo WhatsApp, segundo algumas variáveis, a saber: o verbo “estar”, ponto de interrogação, pontuação em final de frases não interrogativas, as palavras “também”, “sim”, “não” e a expressão “meu deus”.

Este trabalho – fruto de projeto de iniciação científica desenvolvido por uma aluna do ensino médio e seu orientador dentro do Edital nº 04/2020 da Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação (PROPI) do IFRN – pretende contribuir para o conhecimento de uma faceta incontornável da vida da grande maioria dos jovens, o uso da escrita nas redes sociais, que não costuma ser abordada no universo escolar. Pretende, ainda, colaborar com uma seara investigativa muito prolífica no mundo hispânico, a Grafemática e o estudo dos usos gráficos tanto em perspectiva diacrônica quanto sincrônica (cf. CONTRERAS, 1994; BLECUA; GUTIÉRREZ; SALA, 1998; DÍAZ MORENO; CABREJAS, 2014; RAMÍREZ LUENGO, 2015), que goza de um espaço mínimo na agenda dos Estudos da Linguagem da academia brasileira (cf. MORAIS DE MELO, 2018; ALVES DE LIMA; MORAIS DE MELO, 2021 sobre os poucos trabalhos dessa natureza na Linguística Histórica feita no Brasil).

A estrutura básica deste artigo se organiza da seguinte forma: após esta introdução, vem o referencial teórico (seção 2), no qual são apresentadas e discutidas perspectivas e particularidades sobre o sistema gráfico, a ortografia e suas vinculações com o meio cibernético; a metodologia (seção 3), em que são explicados todos os caminhos seguidos antes da análise dos dados; a análise em si (seção 4), na qual são expostos os resultados obtidos para uma série de variáveis grafemáticas já previamente indicadas; as considerações finais (seção 5); e, por fim, as referências.

1. Referencial Teórico

Coulmas (2003, p. 35) afirma que o termo “sistema de escrita” (*writing system*), também chamado neste artigo “sistema gráfico”, possui, em sua obra, duas acepções distintas: a primeira se refere aos sistemas de cada língua e engloba, portanto, uma infinidade de tipos; a segunda, aos modelos abstratos, limitados a apenas algumas categorias. Seguindo essa linha de raciocínio, percebemos que existem sistemas gráficos cujos elementos mínimos não são, como na língua portuguesa, as letras, mas os ideogramas, os quais, em vez de representar sons de um idioma, remetem diretamente a uma ideia. Os primeiros se classificam – segundo as nomenclaturas empregadas por Massini-Cagliari e Cagliari (2001) – dentro do grupo abstrato denominado “escrita fonográfica” (que estão na base da ortografia do português, do espanhol e de grande parte das línguas do ocidente); os segundos, da “escrita ideográfica” (como o chinês e o kanji do japonês).

Massini-Cagliari (2001a, p. 23) explica os dois conceitos de forma muito didática. A escrita ideográfica, para a autora, é definida como “todo o sistema que parte da representação das idéias veiculadas pelas palavras, para depois chegar aos seus sons “. Já a respeito da escrita fonográfica, a autora reconhece que “é aquela que representa a linguagem, partindo da representação dos seus sons. Neste tipo de sistema de escrita, os significados veiculados pelas palavras são recuperados, na leitura, através do reconhecimento primeiro dos sons da palavra representada” (MASSINI-CAGLIARI, 2001a, p. 26).

Sabendo que o sistema fonográfico é composto por letras, há uma pergunta central que se deve fazer quando se pretende levar adiante uma pesquisa na área da Grafemática¹: o que é uma letra? Segundo Massini-Cagliari (2001b), a primeira resposta que vem à nossa mente é que são sinais que usamos para escrever. Essa intuição, contudo, ainda segundo a autora, não é exata, já que nem todo sinal de escrita é uma letra. Os sinais de pontuação, por exemplo, não são classificados como letra. O que a define é a categorização gráfica (pois as letras visam a seguir um modelo, uma forma visual), ou seja, alguns aspectos comuns que podem ser percebidos mesmo com as diferentes maneiras de desenhar uma letra, posto que essas maneiras distintas existem em relação a uma noção abstrata do que seja a letra e ao papel que ela desempenha dentro de um sistema ortográfico. Dito de outro modo: essas maneiras diferentes de desenhar uma letra existem em relação à sua categorização funcional. A categorização funcional tem a ver com o valor que cada letra possui dentro do sistema de escrita, conforme nos explica Massini-Cagliari (2001b, p. 36) na passagem a seguir:

Em outras palavras, o que determina que uma letra possa ser chamada de “A” não é apenas o seu aspecto gráfico, mas o fato de ela poder assumir, dentro do sistema de escrita do português, as posições que o nosso sistema reserva para essa entidade abstrata “A”, ou seja, o **valor** de “A”.

¹ Usaremos, na linha de Morais de Melo (2018), o termo “Grafemática” para designar o estudo e a ciência da escrita no interior dos Estudos da Linguagem. Para uma reflexão minuciosa sobre as nomenclaturas e divergências sobre essa área, propomos a leitura do capítulo 8 de Contreras (1994).

O que, então, estabeleceria o valor de uma letra? Conforme Massini-Cagliari (2001b), é a ortografia, precisamente por sua natureza, que combina características fonográficas com ideográficas. Essa concepção é fulcral nos estudos grafemáticos e está muito bem explicada numa passagem de Cagliari (2001a). O autor ensina que a realidade variável da língua poderia invalidar, em grande medida, a existência de um sistema alfabético. Afinal, se esse sistema funciona pela relação entre uma letra e um som, tendo uma palavra, como “pote” – exemplo do autor –, pronúncias diversas (*póti, póte, pótxi, pótx*), ela deverá ter várias formas de escrita, uma para cada variante² fonética? Assim arremata a questão:

Por causa desses fatos, foi inventada a ortografia, afastando a escrita alfabética de seu caráter fonográfico, tornando-a uma escrita centrada nas estruturas de palavras com formas fixas, tendo, portanto, características marcantes das escritas ideográficas (CAGLIARI, 2001a, p. 68).

Esse caráter ideográfico diz respeito à captação visual de uma palavra como uma imagem, podendo ser lida, em seguida, conforme a pronúncia de cada pessoa. É precisamente por isso que Massini-Cagliari (2001b, p. 38) afirma que é a ortografia que define a categorização funcional de cada letra: “a categorização funcional das letras, como se vê, tem mais a ver com as relações entre letras e sons, estabelecidas pela ortografia, do que com o alfabeto, o nome das letras, ou seu aspecto gráfico”.

Diante do papel que a ortografia desempenha na própria definição do que pode ou não ser uma letra, devemos nos dedicar um pouco ao seu significado, complementando – por meio do mesmo autor – o que já foi antecipado acima. Cagliari (2001b, p. 65-66) explica que a ortografia é apenas um tipo de escrita chamado alfabética que tem por função a leitura.

A ortografia surge a partir de um “congelamento” da grafia das palavras [...] fazendo com que ela perca sua característica básica de ser uma escrita pelos segmentos fonéticos, passando a ser a escrita de “uma palavra de forma fixa”.

A ideia de ter uma ortografia surgiu quando as sociedades começaram a usar mais a escrita, sendo necessária uma forma fixa para se escrever, para que houvesse uma maneira igualitária e neutra de ler e escrever.

Segundo Silva (2014), a ortografia é algo relativamente novo. O autor cita a obra clássica de Ismael de Lima Coutinho, *Pontos de Gramática histórica*, conforme a qual a história da ortografia do português está dividida em três períodos: o fonético, quando a escrita tentava reproduzir a fala; o pseudo-etimológico³, quando

² Usamos o termo na concepção clássica da Sociolinguística, na linha do que define Tarallo (2002, p. 8), para quem variantes linguísticas são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”.

³ Alguns exemplos que podemos tirar das páginas de Coutinho (1969, p. 76) para exemplificar esse período são “thio”, “poncto”, “amarhei” e “aptar”, palavras que equivalem ao que hoje grafamos “tio”, “ponto”, “amarei” e “atar”.

o registro gráfico passa a se afastar da fala, uma vez que são inseridas na escrita muitas letras que não possuíam nenhum valor fonético; e, por fim, o simplificado, quando começaram a despontar as reformas ortográficas com o intuito de se chegar a uma ortografia mais simples que estivesse equilibrada entre uma orientação de ordem mais fonética e princípios de linha etimológica.

Scarton (2009, p. 23) retoma essa tripartição desenhada por Coutinho (1969), criando, a partir dela, um histórico dos – como a autor escreve em seu artigo – “(des)acordos” ortográficos. Lendo o estudo, percebemos como esses três períodos acabaram repercutindo nas inumeráveis propostas de uma ortografia da língua portuguesa. O acordo de 1990, depois de décadas de discussões, acabou se tornando vigente em 2013 (cf. SCARTON, 2009, p. 45), passando a ser o único formato aceito no Brasil desde o dia 1º de janeiro de 2016. Logo, podemos dizer que em 2021 completamos 5 anos sob uma (nova) égide ortográfica. Porém, não são todas as situações de comunicação em que o caráter obrigatório da ortografia atual da língua portuguesa surte efeito. O meio cibernético, por exemplo, sobretudo em suas redes sociais, revela outros caminhos que conduzem a um registro escrito peculiar.

Com base em Fiorin (2008), Silva (2014) e Cagliari (2015), dentre outros linguistas que se dedicaram a pensar a grafia da língua portuguesa nos circuitos virtuais, podemos afirmar que a escrita da internet é caracterizada pela simplificação e abreviação das palavras. Nesse sentido, Cagliari (2015, p. 36) explica que

Com os computadores, as abreviaturas vieram através de uma tendência de escrita dos blogues e e-mails, com a intenção de simplificar a grafia das palavras, usando um modo diferente de grafar por estar sendo usado um meio diferente de escrever: o digital. [...] Aqui também a velocidade de escrita e de leitura, associada à necessidade de espaço para escrever, passou a exigir formas especiais de abreviaturas, em geral, com maior redução de letras.

Cagliari (2015, p. 45) ainda reconhece que com

a internet a comunicação ficou rápida demais, ficou abundante demais, ficou livre demais, sendo uma boa oportunidade para adolescentes manifestarem sua liberdade e marcarem a própria individualidade no mundo dos adultos, fugindo do mundo das crianças.

Essa dinamicidade da escrita no meio *on-line* propicia um espaço de muita negociação acerca das formas que servirão de código para a comunicação. Essa dinamicidade e, conseqüentemente, esse espaço aberto para acordos gráficos, no entanto, não é própria para situações de comunicação que exijam a norma culta (cf. FARACO, 2008) na sua modalidade escrita, a exemplo das redações nos mais diversos gêneros realizadas na escola, dos textos veiculados na imprensa, das produções acadêmicas etc. Nesses circuitos, a escrita, via de regra, para além das normas gramaticais, ainda deve estar pautada pelo acordo ortográfico de 1990.

Ainda tratando da escrita nos meios digitais, Silva (2014) afirma que os computadores, atualmente, estão presentes na vida de todos, inclusive no ambiente escolar, e que, com tantos usuários na internet, a língua vem sofrendo vastas modificações: “Com a popularização do computador e o aumento de usuários na internet, a língua vem sofrendo grandes e rápidas transformações, principalmente entre adolescentes e jovens” (SILVA, 2014, p. 97). Segundo Silva (2014, p. 98), “As palavras não mais são ouvidas, mas vistas, entretanto, o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais, o som se reduz ao registro escrito”. Fica evidente nesta última citação o caráter ideográfico comentado anteriormente a respeito da ortografia, o qual se intensifica nos usos gráficos recorrentes no internetês.

É importante criar um contraponto à citação de Silva (2014, p. 97) reproduzida acima, segundo a qual “a língua vem sofrendo grandes e rápidas transformações, principalmente entre adolescentes e jovens. Considerando a discussão completa que o autor promove em seu artigo, julgamos que, a despeito da forma como foi escrita a passagem em fito, Silva (2014) está se referindo especialmente à aprendizagem da norma culta em sua modalidade escrita (embora ele use predominantemente o termo “língua”), já que uma eventual influência das formas escritas empregadas na internet no modo como a língua portuguesa funciona não parece ser provável, conforme podemos verificar em vários estudos, como em Tavares et al. (2016) e no próprio Silva (2014) que, na conclusão de seu artigo, declara:

Com a pesquisa, concluímos que entre os educandos das escolas públicas municipais situadas em periferia, a influência do Internetês na ortografia da língua materna ainda não é acentuada e muitos acreditam não ser prejudicial esta forma de escrita dentro da sala de aula, já os educadores consideram prejudicial, sim, o Internetês nas produções escritas dos educandos, mas alguns pesquisadores acreditam que conhecer mais de uma modalidade de escrita é positivo, desde que os alunos usem o bom senso na sua utilização, conforme a situação e esferas envolvidas.

Por fim, fechamos esta seção teórica com um trecho de Fiorin (2008, p. 9) por meio do qual podemos considerar esclarecido esse tópico a respeito da influência do internetês na língua. Na passagem, podemos ler, inicialmente, uma negativa categórica do investigador sobre a questão e, em seguida, uma explicação bastante precisa acerca do caso:

A internet não tem nenhuma influência sobre a gramática, o sistema fônico ou o fundo léxico comum. Não está contribuindo para sua alteração. As mudanças que estão em processo decorrem de outras causas. A internet está criando uma práxis enunciativa nova, que produz gêneros marcados pela oralidade e pela informalidade. Ademais, o fato de esses gêneros estarem entre os pólos da escrita e da oralidade faz com que a ortografia seja vista como uma representação da fala em sentido estrito, o que explica as características ortográficas da escrita na rede.

2. Metodologia

Esta pesquisa se trata de um trabalho bibliográfico e documental de caráter qualiquantitativo que utilizou, como técnicas de pesquisa, tanto a aplicação de questionários pelo Google Formulário quanto a observação de dados (os *printscreens* das mensagens). Os resultados são apresentados estatisticamente, comparando-se o percentual de uso das variantes identificadas para cada variável concreta que foi definida após exame prévio do material coletado.

A investigação foi realizada com alunos matriculados no 1º ano dos cursos técnicos de nível médio integrado regular do *Campus* Natal-Zona Norte do IFRN, de forma remota, por causa do distanciamento físico imposto pelo cenário pandêmico em que vivemos. Preliminarmente, foi desenvolvido e aplicado um questionário com os seguintes questionamentos: nome completo do informante; se é aluno matriculado no 1º ano dos cursos técnicos de nível médio integrado regular do *Campus* Natal-Zona Norte do IFRN; se tem acesso a máquinas em casa com internet; se faz uso diário da rede e, de modo específico, do WhatsApp; se possui a internet móvel e como a usa (quantas horas costuma navegar *on-line* diariamente e quantas delas são direcionadas ao aplicativo em questão); e se poderia contribuir com a pesquisa por meio do envio de 3 *printscreens* de conversas suas no WhatsApp.

O questionário aplicado aos estudantes foi construído no Google Forms, plataforma com a qual todos já tinham certa intimidade, pois foi empregada pela instituição durante o período do ensino remoto emergencial. O *link* foi divulgado junto a um vídeo curto, que teve a intenção de apresentar o projeto e convidar os alunos com matrícula ativa para responder ao formulário. Visto que estamos em uma situação de isolamento, o vídeo pode ter servido para potencializar a aproximação com os estudantes (a bolsista de iniciação científica ficou responsável pela gravação e aparece na gravação), auxiliando-nos na obtenção de um maior número de adesões à investigação. O *link* do Google Forms junto ao vídeo foi encaminhado aos líderes de classe dos 1ºs anos regulares nos três cursos (Comércio, Eletrônica e Informática) ofertados para essa modalidade no *campus* em questão. Os representantes se disponibilizaram a divulgar o material nos grupos de WhatsApp de suas turmas.

A meta estabelecida em nosso projeto era a de selecionar 30 alunos cujo perfil revelasse maior intimidade com a internet e, sobretudo, com o WhatsApp em sua vida diária. Havia, no entanto, como citado anteriormente, uma pergunta, a última do questionário, que cumpria um papel decisivo para a seleção ou eliminação dos voluntários: se permitiriam ceder, para fins unicamente científicos, três *printscreens* de conversas escritas no comunicador instantâneo. Não tendo alcançando o número de informantes almejados, repetimos a divulgação outras duas vezes, obtendo, ao final, 77 respostas das três turmas. Desse total, somente 40 pessoas aceitaram contribuir com a pesquisa. Feita a triagem das respostas, entretanto, restaram apenas 27 informantes que se adequavam ao perfil em mira. Optamos, então, por fixar neste número a quantidade de colaboradores, abandonando, assim, a meta inicial de 30, especialmente porque o formulário já tinha sido reaplicado duas vezes e porque o projeto de iniciação científica tinha prazo para conclusão (7 meses mais 90 dias de prorrogação, prazo que foi usado

na sua completude, ou seja, a pesquisa foi concluída ao final de praticamente 10 meses de atividades).

Após o contato com os 27 selecionados e a confirmação por parte deles de que estariam efetivamente dispostos a colaborar com a investigação, elaboramos, também através do Google Forms, um termo de autorização para que os participantes assinassem de modo a autorizar a equipe da pesquisa, durante e mesmo depois de sua finalização, a usar as mensagens cedidas para pesquisas linguísticas realizadas unicamente no domínio da Grafemática. Em seguida, informamos aos alunos selecionados de que maneira eles deveriam mandar as capturas de tela e quais eram os requisitos para sua escolha: 1º deveriam ser 3 *printscreens* que contivessem, de preferência, exclusivamente material gráfico trocado entre os interlocutores. Caso não fosse possível, solicitamos que houvesse, em cada captura, o mínimo de intervenções de outra natureza comuns na comunicação de WhatsApp, como GIFs, emojis, vídeos, notas de áudio, fotos e memes; 2º todos os colaboradores deveriam capturar extratos de conversas com interlocutores da mesma faixa etária (preferencialmente alunos do 1º ano); 3º se possível os informantes deveriam prover capturas de tela de uma data anterior ao dia 25 de novembro de 2020, isto é, de uma data anterior à disponibilização do questionário.

Os segundo e terceiro requisitos objetivavam a contornar o paradoxo do informante, de que nos fala Tarallo (2002). Esse paradoxo é um dos dilemas que os pesquisadores ligados à Sociolinguística têm de enfrentar e pode ser entendido da seguinte maneira: como é possível, numa situação não natural (já que se trata de uma pesquisa, intermediada por formulários, vídeos instrucionais), obter uma produção linguística espontânea, autêntica. Ao solicitarmos dos participantes que as conversas cedidas tivessem sido efetuadas com alguém da mesma faixa etária (interação entre pares) e também que tentassem repassar imagens de *chats* ocorridos antes de terem tomado ciência de que participariam de uma investigação, estávamos buscando os meios para a obtenção de dados os mais naturais possíveis, reduzindo o risco de os dados terem sido influenciados pela consciência de seu uso para um trabalho científico.

De todos os critérios, o único cujo cumprimento alegado (o limite de confirmação, nos dois últimos critérios, era a palavra do informante) não se deu foi o terceiro, pois alguns colaboradores explicaram que ou costumavam excluir suas mensagens de WhatsApp ou não tinham mensagens anteriores ao dia indicado. Quanto ao segundo requisito, não tendo havido qualquer indagação ou negativa por parte dos colaboradores, presumimos que foi devidamente atendido. Enfim, no que concerne ao primeiro, o único sobre o qual tínhamos completo controle, ele foi seguido (quando esse atendimento não sucedeu de saída, solicitávamos ao informante o envio de outro *printscreen* em substituição ao que não estivesse adequado).

Os 27 colaboradores foram esclarecidos novamente – dado que essa informação já constava tanto do questionário quanto do Termo de Autorização – que seriam analisadas unicamente as mensagens escritas pelos alunos matriculados no IFRN, bem como que os números de telefone de todos os coenunciadores seriam apagados, sendo identificados unicamente por meio de um código numérico, a saber: P1 (P refere-se a “participante”), P2, P3 até o P27. Essa

codificação visa a preservar a intimidade e a identidade dos voluntários, os quais, aliás, tiveram total liberdade para escolher as capturas de tela que preferissem.

Posteriormente, com todas as capturas de tela obtidas, partimos para a transcrição das mensagens, a qual foi realizada de acordo com três padrões distintos. O primeiro, que chamamos “transcrição de base”, contém, em cada página, apenas um *printscreen* seguido pela transcrição do conteúdo escrito pelo informante. O segundo padrão, denominado “transcrição definitiva”, é o que será usado neste artigo. Por não vir acompanhado, como no primeiro padrão, das imagens originais, procura ser o mais fiel possível à disposição em que o texto surge no WhatsApp. Desta forma, o texto foi colocado numa tabela, de forma que cada balão do aplicativo corresponda a uma linha do aplicativo; as falas estão alinhadas à direita; e as mudanças de linhas que eventualmente ocorram são preservadas. O terceiro padrão, designado “transcrições puras”, se configura numa sequência de transcrição das mensagens de todos os informantes em todas as capturas de telas. É nesta última apresentação que serão buscadas as variantes grafemáticas referentes às variáveis sondadas neste estudo. A seguir, podemos ver uma amostra de cada um desses padrões com base nas imagens 1 e 2 (I1 e I2) do participante 1 (P1)

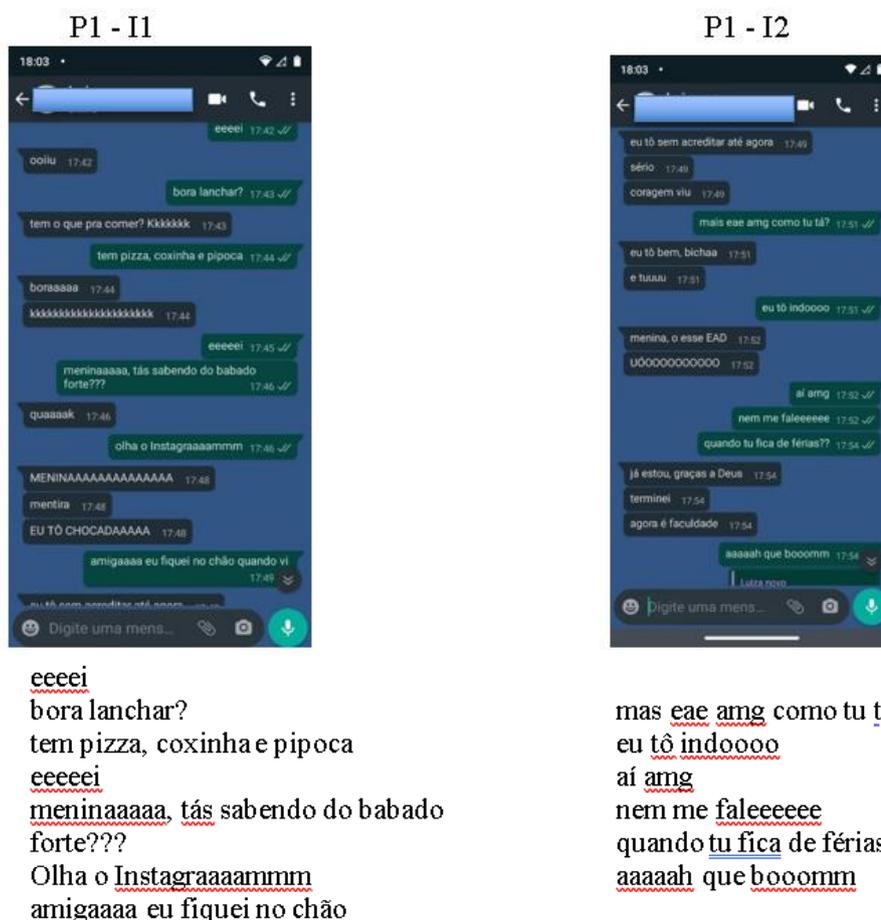


Figura 1 – Exemplo da transcrição de base das I1 e I2 do P1.

Fonte: Elaboração própria

P1, I1	P2, I2
eeeei	mas eae amg como tu tá?
bora lanchar?	eu tô indo
tem pizza, coxinha e pipoca	aí amg
eeeei	nem me faleeeee
meninaaaaa, tás sabendo do babado forte???	quando tu fica de férias???
olha o Instagraaaamm	aaaaah que booomm
amigaaaa eu fiquei no chão quando vi	

Figura 2 – Exemplo da transcrição definitiva das I1 e I2 do P1

Fonte: Elaboração própria

eeei
 bora lanchar?
 tem pizza, coxinha e pipoca
 eeeeei
 meninaaaaa, tás sabendo do babado forte???
 Olha o Instagraaaamm
 amigaaaa eu fiquei no chão

 mas eae amg como tu tá?
 eu tô indo
 aí amg
 nem me faleeeee
 quando tu fica de férias??
 aaaaah que booomm

Figura 3 – Exemplo da transcrição pura das I1 e I2 do P1

Fonte: Elaboração própria

3. Análise de dados

Estabelecemos para este artigo um recorte bastante delimitado: estudar apenas variáveis grafemáticas que não tenham interferência direta da oralidade, ou seja, variáveis cujas variantes competem entre si por razões que concernem unicamente ao campo da escrita, na esteira de Ramírez Luengo (2014, 2015) e Morais de Melo (2018). É por essa lógica que, por exemplo, ao tratarmos das variáveis relativas ao verbo “estar”, consideramos <tá> e <ta> como variantes rivais, mas não incluímos no conjunto das alternativas gráficas a forma <táis>, já que esta solução gráfica, apesar de também fazer referência a uma segunda pessoa do singular, isto é, ao interlocutor da conversa, pode refletir a pronúncia de um /S/ da oralidade, não podendo, portanto, de acordo com o contorno que estamos

propondo (de trabalharmos dentro dos limites, na medida do possível, do puramente gráfico), ser incluído dentro da mesma variável da qual fazem parte <tá> e <ta>.

Optamos, ainda, por marcar cada realização grafemática entre chevron (< >), na linha do que faz Contreras (1994) em sua obra *Ortografía y grafémica*. Para além de seu uso no referido livro, esse sinal tornou-se quase convencional nos trabalhos que se inserem na Grafemática, como podemos comprovar, *v.g.*, nos trabalhos de Pensado (1998), Ramírez Luengo (2014) e Morais de Melo (2018)⁴. Desta forma, todas as palavras que estejam indicadas entre chevron neste artigo correspondem efetivamente a alguma ocorrência verificada no *corpus* transcrito, ao contrário dos exemplos entre aspas, que sinalizam apenas casos hipotéticos com o intuito unicamente exemplificativo. O chevron ainda é usado para representar grafemas simples (por vezes, quando coincidem com a designação tradicional, chamados de “letras” neste trabalho), como <a> ou <~>, bem como grafemas combinados, como <ã> ou <ó>.

Por fim, é importante esclarecer que as análises empreendidas neste artigo desconsideraram, no momento de identificação das variantes, a diferença entre uso de letras maiúsculas ou minúsculas, as quais, no entanto, estão devidamente identificadas na transcrição dos dados. Desta forma, <Ta> ou <ta> serão contabilizadas como duas realizações da sequência grafemática <ta> (para fins de registro, optamos pela grafia sempre com minúsculas).

3.1. Realizações gráficas relacionadas ao verto “estar”

Analisaremos nesta seção todas as variáveis relacionadas ao verbo “estar”, quais sejam: i) o verbo “estar” aferésico⁵ usado com a 2ª e 3ª pessoas do singular, bem como à 1ª pessoa do plural correspondente normativamente⁶ ao pronome “a gente”, todas do presente do indicativo, incluindo-se nesta primeira variável o infinitivo; ii) o verbo “estar” aferésico usado com a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo; iii) o verbo “estar” aferésico usado com a 1ª e 3ª pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo; iv) o verbo “estar aferésico” com

⁴No caso de Pensado (1998) e Ramírez Luengo (2014), o chevron é usado unicamente para marcar unidades grafemáticas, como <ch>, <d> etc., ao passo que tanto Contreras (1994) quanto Morais de Melo (2018) expandem seu uso também para sequências grafemáticas como <disse>, <tais> ou <tá>, a título de exemplo.

⁵Afêrese é um dos metaplasmos (transformações sonoras pelas quais as palavras passam ao longo do tempo) por subtração mencionados por Coutinho (1969), que a define como “a queda de fonema no início da palavra” (COUTINHO, 1969, p. 147). Quando empregamos neste trabalho o termo “verbo ‘estar’ aferésico”, estamos nos referindo ao verbo “estar” no qual não são pronunciados os dois primeiros sons, /es/.

⁶Utilizamos “normativamente” para referirmos a seguinte norma gramatical: pronome “a gente” + verbo na 3ª pessoa do singular, de um lado, ou pronome “nós” + verbo na 1ª pessoa do plural, do outro. Ao restringirmos o caso em questão por meio do advérbio “normativamente”, portanto, estamos excluindo as realizações do tipo pronome “a gente” + verbo na 1ª pessoa do plural (“a gente fazemos”, *e.g.*) ou pronome “nós” + verbo na 1ª pessoa do singular (“nós faz”, *e.g.*), que são normais – ver conceito de norma normal em Faraco (2008), nas trilhas de Coseriu (1980) – para algumas comunidades (variação diastrática) ou mesmo para algumas realidades de uso da língua, o que pode passar por questões idioletais, estilísticas, diamésicas, do gênero etc. (cf. ILARI; BASSO, 2011).

desinência -s ao final usado com a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo; v) o verbo “estar” aferésico usado com a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo correspondente normativamente ao pronome “nós”; vi) o verbo “estar” não aferésico usado com a 3ª pessoa do singular do presente do indicativo.

3.1.1. Verbo “estar” aferésico com 2ª e 3ª pessoas do singular e 1ª pessoa do plural (pronome “a gente”) do presente do indicativo, e infinitivo

Todas as variantes grafemáticas apresentadas neste tópico correspondem à sequência fonética /'ta/, como em “você tá” ou “tu tá” (2ª pessoa do singular do presente do indicativo), “ele tá” ou “ela tá” (3ª pessoa do singular do presente do indicativo), “a gente tá” (1ª pessoa do plural correspondente normativamente à forma pronominal “a gente”), bem como ao infinitivo, como em “ele deve tá [estar] bem” ou “a gente deve tá [estar] bem” ou “você deve tá [estar] bem”. Incluímos ainda, nesta variável, a sequência grafemática referente a /'ta/ realizada como <ata>, por entendermos que o sentido desta frase traz o verbo “estar”, como se fosse dito “ah, tá certo”. Foram identificados 21 usos, sendo 19 casos de <tá>, com acento, perfazendo 90,5% do total, e apenas 2 realizações da forma sem acento <ta>, equivalendo a 9,5% da variável. A variante <tá>, portanto, foi quase categórica. Os dois casos sem acento referiam-se a uma 3ª pessoa do singular: <ta puxado cm força> (se referindo à aula que o participante estava tendo naquele momento: <to tendo aula agora>) da I2 do P21, e <ata>, que aparece na I2 do P6.

É interessante notar que a variante predominante, usada de forma quase absoluta, contém um diacrítico, indo no caminho contrário do que Fiorin (2008, p. 4) expõe como uma das tendências do internetês: “evitam-se os diacríticos que exigem um esforço maior de digitação pela forma equivalente do ponto de vista fônico sem diacrítico (não > naum: na primeira forma temos cinco toques, na segunda, quatro)”. Uma possível motivação que pode justificar essa preferência é a combinação de dois fatores: 1ª o caráter eminentemente tônico da palavra, na medida em que a sílaba preservada é a sílaba tônica (a aférese recaiu sobre a átona); 2ª uma possível preservação imagética, já que a escrita <tá> conserva uma parte do desenho (cf. MASSINI-CAGLIARI, 2001b) da palavra da qual, na maioria dos casos (em 16 das 19 ocorrências), ela deriva, a saber: “está”.

Escrevemos acima “na maioria dos casos”, porque na I3 do P27, <tá> aparece como registro do infinitivo “estar”, conforme podemos constatar a seguir: <vou tá>, <Mas provavelmente vou tá um pouco ocupada> e <Mas de 13 eu ainda vou tá>. Nesses casos, o uso da variante com diacrítico pode ser compreendido pelo caráter de tonicidade, supracitado, e talvez por uma correspondência equivocada – guiada pela oralidade e pelo ouvido – entre a forma “estar” e “está”, na medida em que ambas são pronunciadas de forma idêntica por grande parte dos brasileiros: /IS'ta/ ou apenas /'ta/.

3.1.2. Verbo “estar” aferésico com 1ª pessoa do singular do presente do indicativo

As variantes grafemáticas desta seção equivalem à sequência fonética /'to/, como em “eu tô bem”. Ao contrário do que verificamos na variável anterior, não houve uma preferência pela forma com diacrítico, sendo, no caminho oposto, a variante sem acento a que gozou de maior expressão. Do total de 18 realizações, constatamos a presença da variável <to> 10 vezes (55,5% do total), 7 registros da variante <tô>, com acento circunflexo (39% do total), e apenas 1 caso (5,5%) de <tõ>, com til. Já que o <~> no sistema escrito do português remete ao processo de nasalização, o que não se dá quando se pronuncia o verbo “estar” na primeira pessoa do singular (“eu estou”, “eu tou”, “eu tô”), é possível que essa variante tenha sido produzida por falha na hora da digitação, sobretudo porque a opção <õ> fica ao lado de <ô> em alguns smartphones.

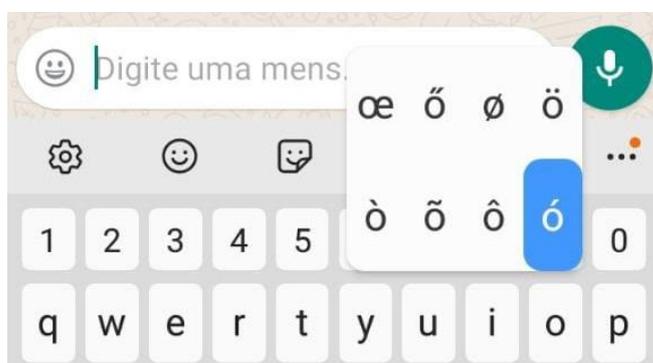


Figura 4– Aproximação entre <õ> e <ô> em alguns smartphones
Fonte: Elaboração própria

Note-se que, diferentemente do que se nota na variável anterior, neste caso não existe a presença de diacrítico na palavra da qual todas as variantes derivam, “estou”, embora as três formas registradas – <to>, <tô> e <tõ> – se concentrem, da mesma forma como foi comentada no tópico anterior, na sílaba tônica, o que, talvez, pode ter influenciado o percentual considerável de formas com diacrítico (44,5% ao somarmos os usos de <tô> com a realização isolada de <tõ>) frente à forma majoritária, sem diacrítico, <to> (55,5%).

3.1.3. As demais variáveis vinculadas ao verbo “estar”

No que respeita ao verbo “estar” aferésico com a 1ª e 3ª pessoas do singular do pretérito perfeito do indicativo, possuímos apenas 4 realizações, todas relativas à sequência fônica /'tava/ e grafematicamente realizadas de forma categórica como <tava> (100%).

Situação semelhante – isto é, pequeno número de ocorrências traduzido em uma variante grafemática única – se deu tanto para o verbo “estar” aferésico com a 1ª pessoa do plural do presente do indicativo associado normativamente ao pronome “nós” quanto para o verbo “estar” não aferésico para 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. No primeiro caso, obtivemos apenas um registro de <tamo> (100%) na I3 do P22 (<tamo né amg kkkkk>); no segundo,

duas aparições de <está> (100%), ambas produzidas pelo P12, uma na I1 (<Ela já está se acostumando>) e a outra na I2 (<Como está a aula remota?>).

Vale a pena sublinhar que o P12 tende a marcar diacríticos, bem como o sinal de interrogação e até letras maiúsculas, conforme podemos ver na transcrição completa abaixo da I3. Essa constatação, que pode nos levar a pensar num estilo mais conservador do P12, talvez explique o único uso de <está> no corpus, em que foram priorizadas em alto grau variantes aferésicas, como <tá> ou <ta>.

Os resultados discutidos nos dois parágrafos precedentes ainda evidenciam como o meio cibernético se configura um terreno aberto para negociações, característica que levantamos anteriormente no bojo das ideias promovidas por Cagliari (2015). Nestes circuitos que não estão regidos por regras fixas ou leis – como é a ortografia⁷ –, o limite da negociação, aparentemente, é a comunicação. Nesse sentido, constatamos que, embora haja, segundo os dados examinados, uma preferência veemente pelas formas aferésicas na escrita dos alunos do 1º ano do ensino médio, não notamos nenhum ruído na conversa quando o P12 opta por usar a forma ortograficamente aceita <está>.

I3
<u>Amg</u>
É <u>pq</u> eu vou de Uber até a principal do um
O resto eu vou andando
Vai?
<u>Tá bom amg</u>
Já <u>tô</u> saindo <u>amg</u>
Jamile
Eu também

Figura 5 – Transcrição I3 da P12

Fonte: Elaboração própria

⁷ Cagliari (2015, p. 17, grifo nosso) comenta esse cariz da ortografia da língua portuguesa de forma bastante perspicaz e, ao mesmo tempo, de certa forma graciosa: “O sentido etimológico não diz quase nada a respeito do que é ortografia. Escrever corretamente uma palavra significa escrever uma palavra com as letras a ela atribuídas pela tradição ou por leis específicas. Este é um dos objetivos da ortografia, mas, na verdade, nem é o principal. No caso do Brasil, ele mostra o sentido legal, exigido por lei. **Assim, quem não escrever de acordo com a lei está cometendo uma contravenção e poderá ser penalizado com sanções**”. Após a passagem “exigido por lei”, o linguista abre uma nota de rodapé, cujo início reproduzimos: “A língua portuguesa é a única língua, que eu conheço, que tem leis nacionais obrigando os cidadãos a seguir rigorosamente a grafia das palavras” (CAGLIARI, 2015, p. 47).

Por fim, encontramos duas variantes para o verbo “estar” aferésico com desinência -s número-pessoal de 2ª pessoa do singular do presente do indicativo, cada qual com apenas um registro: <tás> (50%) e <tais> (50%). O primeiro surgiu na I1 do P1 (<meninaaaaa, tás sabendo do babado forte???) e a segunda na I3 do P24 (<Já tais na casa da tua amiga?>). Embora o pequeno número de dados não nos permita chegar a qualquer conclusão definitiva (sequer a rastrear eventuais tendências gráficas), temos a impressão (com base não somente às duas ocorrências, mas também às experiências que possuímos como falantes nativos e usuários de WhatsApp) que as formas com -s são empregadas quando o sujeito não é materializado antes do verbo, conforme se dá nos dois exemplos transcritos acima. O P1, aliás, na I2, usa também a forma sem -s, mas num contexto no qual essa ocorrência é precedida pelo sujeito lexicalizado, consoante vemos a seguir: <mas eae amg como tu tá?> (I2 do P1, grifo nosso).

Para a confirmação dessa conjectura, no entanto, seria necessário expandir o *corpus* (ou elaborar outros *corpora*) no intuito de alcançar mais dados que esclarecessem uma eventual regra distributiva entre a forma verbal com a desinência -s e a variante com a desinência \emptyset de número-pessoa para 2ª pessoa do singular do presente do indicativo na escrita (de jovens) no WhatsApp (ou quiçá igualmente em outras redes sociais).

3.2. Realizações gráficas relacionadas a sinais de pontuação

Nesta seção, analisamos o emprego de alguns sinais de pontuação. Em tópicos diferentes (4.2.1 e 4.2.2), investigamos duas variáveis ligadas a esta pauta: sinal de interrogação e pontuação no final de frases não interrogativas, respectivamente. Para tanto, foram consideradas unicamente, do conjunto das conversas transcritas, as frases que estavam completas nos balões do WhatsApp (vide Figura 1), sendo excluídas, por exemplo, frases escritas aos pedaços (cada parte em um balão) e/ou intervenções que não gozam de uma contrapartida lexical, como “kkkkkkk” ou “...” etc. As realizações com ausência de pontuação ao final das frases completas foram encaixadas em alguma das variáveis (frases interrogativas ou frases não interrogativas) pelo contexto em que a frase foi empregada; foram classificadas, portanto, com base em nossa presunção (presunção, devemos sublinhar, sempre ancorada no marco conversacional no qual a frase surge). Optamos por retirar (e não contabilizar, pois) os casos cuja classificação como interrogativa ou não interrogativa resultou mais incerta.

3.2.1. Ponto de interrogação

Para a variável relacionada ao ponto de interrogação, foram tidas em conta duas variantes: o uso do sinal gráfico <?> e a sua ausência. Reforçamos que as frases com a inexistência do sinal foram consideradas como perguntas pela contextura do diálogo, isto é, pelo seu teor, como na frase <matemática é primeiro né> do P26, em que claramente foi feito um questionamento.

I3
To indo fazer a atividade de geografia agora
Pra ajudar a revisar
E amanhã antes da aula eu leio as outras
Matemática é primeiro né
Amém

Figura 6– Transcrição I3 da P26

Fonte: Elaboração própria

Importante destacar que a repetição de pontos de interrogação ao final das frases não foi considerada como nova variante, na medida em que categorizamos, conforme explicitado anteriormente, somente duas formas alternativas: o uso (é nesta variante que os usos múltiplos foram incluídos) e a omissão do ponto de interrogação. Outrossim foi agrupada na variante “uso de interrogação” uma ocorrência pontual, na qual o colaborador (I3 do P3, de acordo com a Figura 7 abaixo) utilizou alguns pontos de exclamação entre as interrogações. Pôde-se concluir, pelo enquadramento da frase no assunto, que se tratava efetivamente de uma pergunta, construída dessa maneira, talvez, para vociferar ou enfatizar a indagação.

I1
Mano
E EU?????!!
AAAAAAAAA
NÃO POSSOOOOO

Figura 7– Transcrição I1 da P3

Fonte: Elaboração própria

Os resultados para as frases interrogativas demonstraram que, de um total de 68 frases com as especificações explicadas acima, a maior parte, exatamente 57 frases (83,8%), empregaram o sinal de interrogação, e somente 11 frases (16,2%) não o utilizaram. Fiorin (2008, p. 4) afirma que a “ortografia da internet caracteriza-se pela simplificação” e traz uma série de estratégias gráficas para ilustrar essa tendência, dentre as quais a eliminação de sinais de pontuação. Os dados coletados e contabilizados nesta variável comprovam que, ao menos em se tratando de frases interrogativas, é bastante forte a presença do sinal gráfica responsável por demarcar essa entonação <?>. O alto percentual de uso, 83,8%, pode evidenciar uma tendência ao emprego do ponto de interrogação.

3.2.2. Sinais que marcam final de frases não interrogativas

Neste item, serão apresentadas as análises feitas das frases não interrogativas segundo os mesmos critérios explicitados nos tópicos 4.2 (trabalha-se novamente com apenas duas variantes: a presença e ausência de sinal; e descartam-se mais uma vez frases cuja classificação como não interrogativa fosse dúbia) e 4.2.1 (incluem-se os usos múltiplos na variante “presença de sinal”). Obtivemos 354 frases, das quais em apenas 4 frases (1,1%) houve uso de algum sinal de pontuação finalizando-a contra 350 frases (98,9%) que não apresentaram nenhum tipo de ponto em seu final. Das 4 realizações, obtivemos 3 casos com emprego do ponto final <.> e uma exclamação.

Podemos concluir com essa seção (4.2) que, apesar de um uso bastante expressivo (83,8%) do sinal de interrogação no final de perguntas, em frases não interrogativas pudemos verificar um resultado diametralmente oposto: praticamente um uso categórico da variante “ausência do sinal de pontuação em fim de frase”.

Contabilizamos, apenas por curiosidade, a utilização de vírgula <,>, e encontramos somente 40 aplicações, o que nos dá indícios que podem reforçar – a despeito do sinal de interrogação – a existência de um uso assaz módico de pontuação no internetês.

3.3. Realizações gráficas relacionadas a abreviação de palavras

Neste segmento, iremos tratar da abreviação de palavras e de um caso de frase, o sintagma nominal <meu deus> com função interjeitiva. Em consonância com o assinalado na literatura específica abordada neste artigo (cf. FIORIN, 2008; SILVA, 2014; CAGLIARI, 2015), o *corpus* em análise ratifica a abreviatura de palavras como um dos distintivos da linguagem virtual. Silva (2014, p. 98) esclarece o porquê desse uso no meio cibernético: “As palavras não mais são ouvidas, mas vistas, entretanto, o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais, o som se reduz ao registro escrito”.

Essa constatação dá tônica ao caráter ideográfico de que se reveste a ortografia, como esclarecem os apontamentos de Massini-Cagliari (2001a, 2001b) e Cagliari (2001a) trazidos à baila na seção 2 deste artigo. Percebe-se, assim, no trecho “palavras não são mais ouvidas, mas vistas” de Silva (2014) como – embora claramente não se possa aplicar o termo “ortografia” à manifestação gráfica que dá corpo às comunicações nas redes sociais – a camada ideográfica da língua escrita se torna mais saliente: é como se se visse uma imagem, não sendo necessário, como foi praxe para qualquer leitor que está no processo de aprendizagem para decodificar uma escrita fonográfica (como a do português), recorrer à correspondência entre sons de cada letra e de cada sílaba para se recuperar o sentido da palavra. Os olhos, muitas vezes, captam uma abreviatura (de palavra ou mesmo de um sintagma inteiro, como será examinado em um dos tópicos seguintes) num único lance de olhos, processando o todo, e não suas partes.

Devido à abundância de abreviaturas, selecionamos para estudo apenas as que se mostraram mais recorrentes no *corpus*, chegando-se assim a quatro

variáveis, quais sejam: as palavras “também”, “sim”, “não” e o sintagma nominal “meu deus”.

3.3.1. Abreviação de “meus deus”

As formas encontradas para a variável <meus deus> foram duas num total de 7 ocorrências. A primeira, <mds>, foi encontrada 4 vezes (57,1%), sendo o único modelo de abreviação da variável. Dos 4 usos, 2 deles foram identificados nos *printscreens* de um único informante: P24. A segunda variante foi <meu deus>, que teve 3 aparições (42,9%), duas das quais contidas na I1 do P2 (Figura 9). O pequeno número de dados para essa variável não nos permite levantar conclusões. Fica-nos, contudo, a impressão, deixada pelas 7 realizações, de que inexistia uma variante que se destaque frente a outra, o que poderia (apenas um número maior de dados poderia comprovar esse palpite) indicar o que os sociolinguistas chamam de “variação estável”: “uma competição entre formas alternativas de se dizer a mesma coisa que não resulta, num lapso de tempo prolongado, em vitória de nenhuma variante” (BAGNO, 2017, p. 470).

I1
Com o pássaro mulher KKKKKK
Mentira que <u>tu</u> tinha botado com o nome
Eu respondi e não vi
MEU DEUS
MEU DEUS

Figura 8- Transcrição I1 da P2

Fonte: Elaboração própria

3.3.2. Abreviação de “também”

A variável “também” obteve um total de 13 aparições, com diferentes formas de abreviatura. A primeira variante, <também>, foi emitida 5 vezes (38,5%), e sua forma condiz *ipsis litteris* à forma padrão da ortografia portuguesa: contém acento agudo no “e” e nenhum tipo de redução. A segunda variante, com total de 3 aparições (23%), duas delas surgidas em um mesmo participante (nomeadamente na I2 do P1), foi o <tb>. Essa forma de abreviação, bem como as seguintes, conformam uma escrita consonantal, de acordo com a exposição dada por Massini-Cagliari (2001a), e foram interpretadas como variante de “também” pela contextualidade das conversas. A terceira variante sondada foi <tbm>, encontrada 4 vezes (30,8%) no *corpus*. Usada por diferentes participantes, ela segue o formato de abreviação da variante <tb>, diferenciando-se, contudo, da anterior pelo acréscimo da consoante <m>. A quarta e última variante encontrada,

com apenas 1 caso (7,7%), foi o <tmb>. Sobre ela, levantamos duas hipóteses: pode ser de fato uma nova variante de “também” ou um erro de digitação (*lapsus calami* digital), já que em alguns teclados de smartphones as letras <m> e ficam próximas uma da outra. Todavia, tendo sido registrado de forma distinta, foi considerada como um novo formato do “também” nessa linguagem virtual.

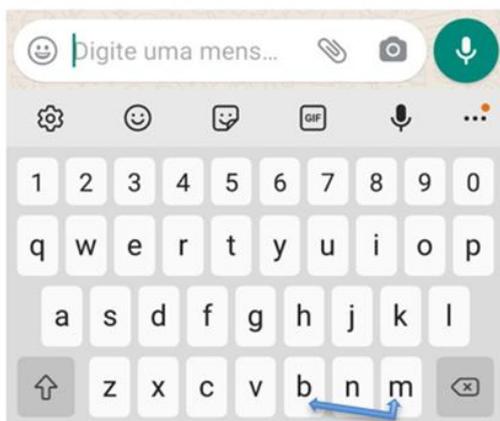


Figura 9 – Aproximação entre <m> e em alguns smartphones
Fonte: Elaboração própria

3.3.3. Abreviação de “sim”

A variável que será apresentada nesta seção é “sim”, com total de 16 aparições. Por ser uma das palavras mais recorrentes do nosso vocabulário, o “sim” – bem como o “não” (próxima variável a ser apresentada) – é um tópico que não poderia faltar neste trabalho. A primeira variante, <sim>, sem nenhum tipo de abreviação, apareceu 14 (87,5%) vezes, sendo a forma majoritariamente preferida pelos informantes. A segunda variante, <s>, teve um único caso, representando 6,25%, do total. Essa variante contém apenas uma consoante e ela foi compreendida como “sim” pois o participante estava respondendo a uma pergunta na conversa. Tivemos uma terceira variante muito parecida com a <s>, com a diferença se ser duplicada: <ss> (Figura 10), também com 1 caso (6,25%).

I2
opa <u>eai</u> <u>men</u>
vai ter <u>ss</u>
16:30 <u>to</u> <u>la</u>
<u>ei</u> <u>luis</u> , acho q n vou pra ela <u>hj</u> mais n
<u>to</u> tendo aula <u>aq</u>
<u>ta</u> puxado cm força

Figura 10 – Transcrição da I2 do P21
Fonte: Elaboração própria

3.3.4. Abreviação de “não”

A variável final a ser apresentada nesta seção é o “não”. Assim como o “sim”, trata-se de um termo utilizado inúmeras vezes nas conversas, sendo, portanto, indispensável a análise de sua variação. Nela, tivemos um total de 46 casos, sendo a primeira variante a forma com acentuação e todas as consoantes presentes, tal qual o registro ortográfico da palavra: <não> obteve 35 registros (76,1%). A segunda variante, <nao>, distinta da anterior pelo desaparecimento do til (~) na vogal <a>, foi usada somente 2 vezes (4,3%). Por fim, constatamos a variante <n>, com 9 ocorrências (19,6%). Ela foi interpretada como variante do “não” pelo contexto das conversas, de acordo com o que podemos ver no exemplo a seguir.

I1
BL, depois desço lá
Acho que ele <u>n</u> vai não?
Vou ali ajudar um amigo na mudança
Depois apareço por <u>ai</u>

Figura 11 – Transcrição da I1 do P8

Fonte: Elaboração própria

Considerações finais

Ao final deste artigo, esperamos haver promovido não apenas uma reflexão acerca da língua escrita – num crescendo que foi dos sistemas gráficos, passando pela ortografia e chegando à realidade gráfica usada nos meios cibernéticos –, mas também haver legado uma proposta metodológica para pesquisadores interessados em estudar a realidade grafemática nas redes sociais (seleção de informantes, critérios de seleção de textos, modelos de transcrição, seleção de variáveis, aplicação teórica e análise de dados).

Tendo em vista os poucos estudos na Linguística brasileira dedicados aos usos gráficos (quer sincrônica, quer diacronicamente), entendemos que as seções do como fazer (do método percorrido) em empreitadas como a deste trabalho, num eixo contemporâneo, ou como Ramírez Luengo (2014, 2015) e Moraes de Melo (2018), no eixo histórico, podem servir de parâmetro (positivo, oxalá) para pesquisas que estejam no encaço da realidade grafemática de textos para os quais não cabe a atribuição de qualificativos como “certo” ou “errado”, pois neles não existe o ORTOgráfico: assim são os textos escritos em pretéritas centúrias, assim os de hoje produzidos na engrenagem cibernética, sob a luz da internet, no ciberespaço.

No que tange a essas realidades que se arredam do ortodoxo (do que é rijo, do que é lei), nessas realidades que vão alicerçando seu êxito comunicativo a partir das negociações (por vezes ativamente síncronas, ora passivamente indutivas, silenciosas) que, por seu turno, vão criar (e já têm criado e seguem criando) novas tradições de escrita; dizíamos: nessas realidades, sondar os acordos tácitos construídos deveria ser de interesse para mais linguistas, e não apenas do ponto de vista grafemático, como fizemos neste trabalho, mas também lexicográfico, discursivo, pragmático...

O aspecto supracitado demarca a esperança de este trabalho poder contribuir para uma seara investigativa que julgamos ter potencial para se converter em uma agenda bastante fértil dentro dos estudos linguísticos – o estudo dos usos gráficos sob a ótica da Grafemática, mas não apenas –, agenda a ser sustentada, organizada e executada nos seus mais plurais desdobramentos. O aspecto seguinte, por sua vez, se vira da pesquisa para o ensino, e com aquela volta a se encontrar.

É necessário dizer que esta pesquisa foi levada a cabo a quatro mãos: duas de uma estudante de ensino médio vivenciando a experiência de iniciação científica; as outras duas de um professor pesquisador exercitando seu papel de orientador num novo meio (de primaveras, à Casimiro de Abreu), o ensino básico, que – não fossem organismos como os institutos federais, com suas agências de fomento, a exemplo do edital Edital nº 04/2020 aludido no início destas páginas – dificilmente seria associado à ideia de produção científica.

Tratando da educação, a propósito, Cagliari (2015, p. 47) – em citação longa, mas necessária – aponta para as reservas da escola com o novo. O autor situa nesse campo da novidade a escrita dos jovens na internet, mais especificamente nos blogues. Podemos espriar perfeitamente os apontamentos que levanta o pesquisador para outras expressões mais em voga nos anos 2021, como os *chats* do WhatsApp, o *direct* do Instagram e as demais redes sociais, como Instagram, Facebook, TikTok:

A internet tornou-se o lugar da expressão linguística mais corriqueira e comum, muitas vezes, não própria para um lugar como a escola, mas nem por isso menos real na vida das pessoas. Essas experiências criativas com a linguagem (não só com a forma gráfica das palavras ou com o esquema do texto), do ponto de vista pedagógico, servem para se contrapor ao tradicional, revelando facetas insuspeitas do tradicional e do novo. A escola sempre teve muito medo de lidar com o diferente, preferindo ter apenas as categorias certo e errado. Por outro lado, a língua portuguesa não vai ficar menor, menos apta, ridícula por causa da escrita dos blogues. O nosso patrimônio linguístico agrega todas as manifestações de linguagem oral e escrita que aparecem na história da língua e as novas, que aparecem a cada dia.

Nesse sentido – ademais das reflexões que traçamos sobre a escrita, além do molde metodológico que compartilhamos e para além da ação metalinguística de uma estudante do ensino médio com seu professor sobre um fenômeno tão caro à

juventude, como são as conversas nas redes sociais –, confiamos que as análises aqui efetuadas possam dar a conhecer, a partir de um controle estatístico, um pouco desse “novo” de que nos fala Cagliari. Dentre os achados identificados no material examinado, podemos citar algumas possíveis tendências: predileção quase absoluta pela variante <tá> (90,5%) para o verbo “estar” aferésico com 2ª e 3ª pessoas do singular e 1ª pessoa do plural (pronome “a gente”) do presente do indicativo, e infinitivo; preferência acentuada pelo uso do <?> (83,8%) em final de frases interrogativas (em detrimento de sua ausência); um movimento contrário no caso de frases não interrogativas, em que se verificou a ausência quase categórica (98,6%) de pontuação gráfica no final das sentenças; um estado de variação livre entre as variantes <meu deus> e <mds>.

É preciso sempre ressaltar que o *corpus* a partir do qual empreendemos esta investigação foi pequeno e, portanto, os resultados a que chegamos dizem respeito a este universo particular: a escrita de estudantes do 1º ano do ensino médio integrado do *Campus Zona Norte* do IFRN. Podem, no entanto, mostrar indícios do uso que os jovens fazem da escrita no WhatsApp, indícios que poderão ser comprovados por meio de novas pesquisas (e não apenas nessa plataforma digital).

Que elas venham, e que sejam muitas, para auxiliar a escola, os linguistas e todos os interessados no tema a desvelar o funcionamento dos usos gráficos no espaço cibernético.

Agradecimento

À professora Carla Maria Cunha, da UFRN, orientadora de orientadores.

Referências

ALVES DE LIMA, Maria Hozanete; MORAIS DE MELO, Felipe. Reflexões metaortográficas às margens do romance “A mais encantadora mulher” (1903), de Gonzaga Filho. *Revista do GELNE*, v. 23, n. 2, p. 29-46, 10 jun. 2021., 2021.

BAGNO, Marcos. *Dicionário crítico de sociolinguística*. São Paulo: Parábola, 2017.

BLECUA, José Manuel; GUTIÉRREZ, Juan; SALA, Lidia (Orgs.). *Estudios de grafemática en el dominio hispánico*. Bogotá: Ediciones Universidad Salamanca; Instituto Caro y Cuervo, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. A ortografia na escola e na vida In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos (Orgs.). *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de leitura do Brasil - ALB; São Paulo: Fapesp, 2001a.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Sob o signo da ortografia. In: *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Gladis Massini-Cagliari, Luiz Carlos Cagliari. - Campinas, SP: Mercado de Letras : Associação de leitura do Brasil - ALB; São Paulo : Fapesp, 2001b.

CAGLIARI, Luiz Carlos. Aspectos teóricos da ortografia. In: SILVA, Maurício. *Ortografia da língua portuguesa: história, discurso, representações*. São Paulo: Contexto, 2015.

- CONTRERAS, Lidia. *Ortografía y grafemática*. Madrid: Visor, 1994.
- COSERIU, Eugenio. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.
- COULMAS, Florian. *Writing systems: an introduction to their linguistic analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- DÍAZ MORENO, Rocío; ALMEIDA CABREJAS, Belén (Org.). *Estudios sobre la historia de los usos gráficos en español*. Lugo: Axac, 2014.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FIORIN, José Luiz. A internet vai acabar com a língua portuguesa? *Revista Texto Livre*. Pampulha, MG, v. 1, n. 1, 2008, p. 1-9.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2011.
- MASSINI-CAGLIARI, Massini; CAGLIARI, Luiz Carlos. (Orgs). *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2001.
- MASSINI-CAGLIARI, Massini. Escrita Ideográfica & Escrita Fonográfica In: *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Gladis Massini-Cagliari, Luiz Carlos Cagliari. - Campinas, SP: Mercado de Letras : Associação de leitura do Brasil - ALB; São Paulo : Fapesp, 2001a.
- MASSINI-CAGLIARI, Massini. O que é uma letra? Reflexões a Respeito de Aspectos Gráficos e Funcionais. In: *Diante das letras: a escrita da alfabetização*. Gladis Massini-Cagliari, Luiz Carlos Cagliari - Campinas, SP: Mercado de Letras : Associação de leitura do Brasil - ALB; São Paulo: Fapesp, 2001b.
- MORAIS DE MELO, Felipe. *Nas trilhas da escrita: reedição e análise grafemática das cartas oficiais norte-rio-grandenses (1713-1950)*. 2018. 961f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.
- PENSADO, Carmen. Sobre los límites de la mala ortografía en romance ¿Por qué el inglés *fish* no se escribe *ghoti* después de todo? In: BLECUA, José Manuel; GUTIÉRREZ, Juan; SALA, Lidia (Orgs.). *Estudios de grafemática en el dominio hispánico*. Bogotá: Ediciones Universidad Salamanca; Instituto Caro y Cuervo, 1998.
- RAMÍREZ LUENGO, José Luis. Algunos apuntes para la historia de la acentuación gráfica en español: el caso de Nicaragua en el siglo XVIII. In: DÍAZ MORENO, Rocío; ALMEIDA CABREJAS, Belén (Org.). *Estudios sobre la historia de los usos gráficos en español*. Lugo: Axac, 2014.
- RAMÍREZ LUENGO, José Luis. Algunas notas sobre los usos gráficos del español escrito en Bolivia en los inicios del siglo XIX. *Boletín de la Real Academia Española*, Tomo XCV, Cuaderno CCCXII, jul./dic. 2015.

SCARTON, Gilberto. A orthographia da lingua portugueza, que virou ortografia: História dos desacordos. In: MOREIRA, Maria Eunice; SMITH, Marisa Magnus; BOCCHESI, Jocelyne da Cunha (Orgs.). *Novo acordo ortográfico da língua portuguesa: questões para além da escrita*. Porto Alegre: EDIPURS, 2009.

SILVA, Anderson Cristiano da. As implicações do internetês na ortografia: um estudo em duas escolas públicas paulistas. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 3, n. 1, 2014, p. 93-107.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 2002.

TAVARES, Izaías Loureiro; QUADROS, Silvia Alessandra Cruz; SILVA, Eduardo do Carmo; NEVES, Ozanete Pereira. A variação Linguística no Aplicativo WhatsApp: Análise da Linguagem Formal e Informal a partir de um grupo formado por egressos de diversas Instituições de Ensino Superior do Amapá. *Madre Ciência – Educação*. Santana, Amapá, v. 1, n. 1, 2016, p. 1-15

XAVIER, Antonio Carlos. A (in)sustentável leveza do internetês. Como lidar com essa realidade virtual na escola? In: ELIAS, Vanda Maria (org.). *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011.

Para citar este artigo

MELO, Felipe Morais de; SILVA, Karen Andrade da. Tendências gráficas em conversas de *WhatsApp* de alunos do 1º ano do Ensino Médio do IFRN. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 10, n. 4, p. 1772-1796, nov.-dez. 2021.

Os Autores

Felipe Morais de Melo é professor do *Campus Natal – Zona Norte* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Brasil. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com 1 ano de estágio doutoral na Universidad Autónoma de Querétaro (UAQ), México. E-mail: felipe_morais@yahoo.com.br.

Karen Andrade da Silva é estudante do Ensino Médio Integrado em Eletrônica do *Campus Natal – Zona Norte* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), Brasil. E-mail: karen38347@gmail.com.